

“Acho que vão logo falar que fomos nós que fizemos”

Crianças e Jovens em Contexto de Vulnerabilidade em Portugal Constroem Sentidos a Partir do Discurso Noticioso sobre a Sua Comunidade¹

Lidia Marôpo²

Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ)/Universidade Nova de Lisboa
Universidade de Fortaleza (Unifor)
Universidade Autónoma de Lisboa (UAL).

RESUMO

Como crianças e jovens em contextos de vulnerabilidade social negociam sentidos sobre si mesmos e sobre a sua comunidade a partir do discurso noticioso? Partimos de diversas metodologias qualitativas e participativas aplicadas em encontros semanais com cerca de 15 crianças e jovens (9 a 16 anos) no bairro Quinta do Mocho, em Loures (nos arredores de Lisboa) para responder esta e outras questões. Como a representação noticiosa frequentemente negativa do ambiente onde vivem estas crianças e jovens influencia a maneira como constroem as suas identidades? Em que medida o estereótipo do bairro e dos jovens “problemáticos” frequentemente divulgado pelos *media* interfere nos seus processos de socialização? Que discursos constroem sobre as situações estigmatizantes que potencialmente enfrentam e como veem o papel dos *media* nestes contextos?

PALAVRAS-CHAVE

Discurso noticioso; crianças e jovens; audiência infanto-juvenil; identidade; estigmatização

INTRODUÇÃO

Nossa proposta neste trabalho é analisar os significados que crianças e jovens em contextos de vulnerabilidade social negociam sobre si mesmos e sobre a sua comunidade a partir do discurso noticioso.

Para isso, partimos de diversas metodologias qualitativas e participativas aplicadas em encontros semanais com cerca de 15 crianças e jovens (de 9 a 16 anos) que vivem no bairro Quinta do Mocho, em Loures (município situado nos arredores de Lisboa) e que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutoranda no Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ)/Universidade Nova de Lisboa (UNL) com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal, professora da Universidade de Fortaleza (Unifor), em licença, e professora auxiliar na Universidade Autónoma de Lisboa (UAL). E-mail: lidiamaropo@gmail.com

frequentam o Projeto Esperança. Esta associação sem fins lucrativos é financiada pelo Programa Escolhas do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), de Portugal, que visa promover a inclusão social particularmente de descendentes de imigrantes e minorias étnicas.

As crianças e jovens deste estudo têm origens africanas (Angola, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau e Cabo Verde) e vivem neste bairro construído em 2000 para realojar famílias que habitavam prédios residenciais inacabados e degradados (Pereira, 2005). Hoje a Quinta do Mocho tem cerca de 2600 moradores, dos quais aproximadamente 700 têm idades entre 0 e 18 anos. Quase todos são provenientes de ex-colónias portuguesas em África.

O bairro é um espaço fundamental de construção da identidade destas crianças e jovens, que se recusam a chamar o local onde vivem pela denominação oficial (Urbanização Terraços da Ponte) e continuam a identificá-lo por Quinta do Mocho, o antigo nome da comunidade onde viveram seus pais ou avós. Talvez não por coincidência, o mesmo acontece no discurso noticioso, que privilegia uma representação deste território “periférico” de Lisboa como espaço exclusivo de violência, utilizando frequentemente a polícia como a fonte *definidora primária* (Hall *et al.*, 1978, p. 57) dos acontecimentos e deixando pouco espaço para vozes alternativas. Nesta perspectiva, são raras as notícias positivas nos telejornais e jornais portugueses sobre este bairro, frequentemente rotulado pelos *media* como “problemático”.

Sabemos que o discurso noticioso é responsável por uma ampla oferta de modelos de pensamento e de ação que cumprem funções sociais básicas como a reprodução cultural, a socialização e a integração social dos indivíduos (Esteves, 1999). A partir desta visão pretendemos responder a diversas questões: Como a representação noticiosa do ambiente onde vivem estas crianças e jovens influencia a maneira como constroem as suas identidades individuais e grupais? Como se intersecta com as relações sociais que estabelecem? Em que medida o estereótipo do bairro e dos jovens “problemáticos” frequentemente divulgado pelos *media* interfere nos seus processos de socialização? Que discursos constroem sobre as situações estigmatizantes que potencialmente enfrentam e como veem o papel dos *media* nestes contextos?

No entanto, antes de analisar as respostas que encontramos, começaremos por refletir sobre alguns conceitos fundamentais para este trabalho (identidade, socialização e

estigma) e por debater o papel dos *media* como atores culturais centrais nas sociedades contemporâneas.

Identidade, socialização e *media*

O contexto em que as crianças vivem caracteriza-se por uma pluralidade de valores e perspectivas concorrentes, complementares e divergentes disponibilizadas pelos pais, escola, *media*, sociedade de consumo e pelas relações entre pares. “A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas num contexto em que diferentes ‘mundos’, ou esferas da vida social, se misturam e entram muitas vezes em conflito” (Correia, 2004, p. 119).

É a partir desta diversidade que podemos falar das experiências vividas pelas crianças, dos seus sentimentos de pertença e relações de sociabilidade que contribuem para a construção da sua identidade pessoal (representação do “eu” como único e diferente a partir da auto-atribuição de traços psicológicos percebidos como particulares) e social (auto-conceito derivado do reconhecimento de pertença a grupos sociais, a partir do valor e do significado emocional associado a essa pertença) (Tajfel e Turner, 1986. p. 255).

Além da pluralidade de influências que afetam a vida de cada criança e da diversidade de infâncias que coexistem nas sociedades contemporâneas, levamos em consideração de forma central neste estudo o que Ulrich Beck (1998, p. 78) chama de “biografização” dos jovens, no sentido de que estes são inventores das suas próprias vidas. A par do que afirma a nova sociologia da infância (Mayall, 2002; Prout, 2005 e James e Prout, 1997) percebemos as crianças como atores que participam no mundo social e que tomam parte ativamente no seu processo de socialização, elaborando, interpretando e reconstruindo as lógicas sociais e as suas experiências, no que Corsaro (1997) chamou de “interpretação reprodutiva”.

É neste sentido que pensamos a relação das crianças com os *media*. Aqui interessa-nos particularmente um aspeto específico desta relação: como as crianças e jovens sujeitos desta investigação se relacionam com o discurso mediático (mais especificamente o noticioso) nos seus processos de socialização e construção identitária³.

³ Estamos a referir-nos de modo especial ao discurso noticioso dos *media*, que se diferencia na sua relação com a democracia dos discursos publicitário, de ficção ou de entretenimento. Não que os outros modos de comunicação não possam exercer ou não exerçam funções importantes nos sistemas democráticos, mas o jornalismo constrói a sua legitimidade como discurso em favor do interesse público, feito por pessoas

O debate sobre identidade é percebido como diretamente ligado à questão das representações. Estas são a forma concreta de construção comunicacional das identidades e estão sempre sujeitas a um desenvolvimento e aperfeiçoamento através da linguagem, onde a coerência com a realidade tem um equilíbrio permanentemente instável (Esteves, 2011, p. 60). A partir deste ponto de vista, trabalham simbolicamente para classificar o mundo e as nossas relações dentro dele, construindo lugares a partir de onde os indivíduos podem se posicionar e falar (Woodward, 1997, p. 14). A representação, como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas em sistemas simbólicos que possibilitam respostas possíveis para questões como: quem eu sou? O que posso ser? Quem eu quero ser? (Woodward, 1997, p. 14). Nesta perspectiva, chamamos atenção para os lugares construídos pela representação noticiosa da comunidade onde vivem estas crianças e jovens.

Os *media* são poderosos divulgadores de “mapas de significado” (Hall *et al*, 1978) que contribuem para a construção de consensos sociais baseados em valores, preocupações e interesses comuns que estes mapas incorporam ou refletem. Em outras palavras, o trabalho mediático de agendamento e enquadramento dos acontecimentos e problemáticas influencia significativamente as imagens que as pessoas fazem delas mesmas, dos outros, das suas necessidades, dos seus objetivos e das suas relações com os outros (Patterson in Correia, 2004, p. 33)

Embora reconheçamos diferenças entre os diversos veículos mediáticos e seus conteúdos que variam de acordo com o tipo de *media* e o público para o qual estão orientados, de uma maneira geral, que mapas de significados a representação noticiosa constrói sobre a comunidade aqui estudada?

Uma pesquisa pelo termo “Quinta do Mocho” no *Google* Notícias nos dá pistas iniciais para responder a questão. Constatamos uma predominância absoluta do tema criminalidade, como por exemplo: “Jovem esfaqueado nove vezes nas costas na Quinta do Mocho” (Jornal de Notícias, 18.08.2011) “Técnicos de saúde nem querem cá vir” (Jornal de Notícias, 25.08.2008) e “PSP ferido em desacatos na Quinta do Mocho teve alta” (Diário de Notícias, 06.08.2011). Nestas peças noticiosas prevalecem enquadramentos frequentemente reduzidos ao que Bennett (2007, p. 43) chamou de síndrome da autoridade-desordem: as notícias dão conta de um mundo onde a ordem está ameaçada ou foi reencontrada. A

relativamente independentes de interesses específicos. Neste sentido, tem uma aproximação orgânica e intrínseca com a democracia, exercendo um papel mais central no sistema do que qualquer outro tipo de prática mediática (Berger, 2000: 81).

questão central é se as autoridades são capazes de estabelecer ou restaurar a ordem, em detrimento de uma contextualização de fundo. Podemos afirmar que estas notícias divulgam versões e visões preferenciais sobre o que é e como deve ser esta ordem social a partir de três aspetos fundamentais: a avaliação moral (o que está dentro ou fora da ordem é julgado em termos de se é bom ou mal, saudável ou não, normal ou anormal), os procedimentos (metodicamente necessários para a manutenção ou restabelecimento da ordem) e a hierarquia (a ordem está diretamente relacionada com atributos como classe, estatuto e posição social) (Ericson *et al*, 1991, p. 4).

A partir destes três elementos, o discurso noticioso acerca da Quinta do Mocho parece construir sentidos sobre o bairro que frequentemente o posicionam como fora da ordem, um alvo necessário de procedimentos policiais e como um lugar onde vivem pessoas de baixo estatuto social, perigosas ou em vias de o ser. Uma representação que faz ressoar expressões pejorativas largamente utilizadas dentro e fora dos *media* portugueses, como “bairro problemático”, e se revela estigmatizante em histórias contadas por crianças e jovens sujeitos desta investigação.

A palavra estigma é aqui usada para designar um atributo que diferencia e lança descrédito profundo, dificultando as relações entre o indivíduo estigmatizado e os indivíduos “normais” (Goffman, 1975, p. 13). Uma pessoa estigmatizada tem seus direitos ameaçados, é alvo de discriminações consideradas muitas vezes justificáveis e é frequentemente isolada.

Embora Goffman (1975) afirme que os códigos de conduta que promovem o isolamento das pessoas estigmatizadas estejam em declínio e que estas tendem a ter as mesmas ideias que “nós” sobre identidade (o sentimento de ser uma pessoa normal, que merece ter chances e respeito), ao mesmo tempo podem perceber que os outros não as aceitam verdadeiramente e não estão dispostos a se relacionar com elas em pé de igualdade.

A sociedade (aqui incluímos os *media*) estimularia estas pessoas a interiorizar critérios que as transformam em muito sensíveis ao que os outros vêem como a sua diferença, sentindo-se que inevitavelmente não estão a altura do que deveriam ser. Estes processos estigmatizantes têm origem frequente, por exemplo, em questões relacionadas com a etnicidade e o pluralismo cultural. “As minorias étnicas tornaram-se objeto de suspeita, indiferença mais ou menos hostil ou hostilidade aberta nos países de acolhimento, tornando por vezes mais difícil a manutenção de um ideal multicultural (Correia, 2004, p. 123).

Uma suspeição que tem presença marcante na representação mediática dessas minorias, em especial da parcela jovem desta população. Ponte (2006, p. 3) chama atenção para a definição “do outro” – que representa um corpo estranho às considerações dominantes de identidade por parte de um determinado grupo – como estratégia de normalização, de exclusão e inclusão no discurso noticioso sobre o risco. É essa percepção do outro social (em oposição aos adultos, leitores de jornais, brancos de classe média) que vai influenciar a cobertura noticiosa sobre a violência envolvendo jovens a partir de enquadramentos que não promovem investimentos a longo prazo e encorajam campanhas punitivas contra grupos quase sempre pobres e marginalizados (Hammarberg, 1997, p. 248).

Esta ideia de um “mundo dos outros” marcado por atributos como pobreza, violência, desvio e distância tem assinalado com frequência o discurso noticioso dos jornais impressos em Portugal (Ponte, 2009, p. 2). Os atos delinquentes de jovens de estratos sociais mais elevados são geralmente representados a partir de atributos como leviandade, desvios de caráter, coisas da idade ou meras brincadeiras, enquanto a cor da pele e a origem social de outros jovens pode estimular a espetacularização exacerbada e apressada (Carvalho *et al.*, 2009). No mesmo sentido, Brites de Azeredo (2007, p. 205) afirma que o destaque dado à representação de “outros” jovens de cores que não a branca contribui para um ampliação da percepção do seu envolvimento no fenómeno da delinquência e consequente estigmatização.

É esta percepção do outro social (em oposição aos adultos, leitores de jornais, brancos de classe média e nacionalidade portuguesa) que vai influenciar diretamente a cobertura noticiosa de um incidente acontecido na Praia de Carcavelos (Cascais) no feriado do Dia de Portugal (10 de Junho) em 2005. A praia popular, frequentada habitualmente por jovens negros da periferia, foi palco de roubos e desacatos com a polícia (quatro pessoas foram detidas, três civis e dois polícias ficaram levemente feridos), num episódio destacado e extensamente coberto pelos *media*, imediatamente enquadrado pelo termo “arrastão” a partir de imagens (captadas por amadores) que aparentavam correria e confusão. “Violência juvenil”, “ganguês”, “bando de jovens”, “arrastão à brasileira” são expressões utilizadas nos títulos de jornais de referência, numa imposição do discurso do medo e de culpabilização do outro simbólico (Ponte, 2006, p. 13).

Rosa (2011) analisa a cobertura sobre o acontecimento como uma “onda noticiosa” construída a partir do consenso entre as fontes definidoras primárias (principalmente forças

policiais) em torno de um comportamento de desvio por parte de um grupo étnico estigmatizado, representado de forma incorreta e fragmentada. Para o autor, o fenômeno revela uma assustadora predisposição para a representação leviana destas minorias, associadas *a priori* a comportamentos desviantes.

Numa análise deste fenômeno a partir da realidade brasileira, Ramos e Paiva (2007, p. 77) apontam diversas razões para a estigmatização de comunidades pobres no discurso noticioso: a falta de fontes locais legítimas e independentes, o desconhecimento da realidade local pelos jornalistas que vivem em bairros de classe média e raras vezes são parte destas minorias, o público-alvo dos *media* que vêm de forma preconceituosa estas comunidades e a sensação de insegurança dos profissionais do jornalismo que dificulta a entrada nestes sítios sem o acompanhamento policial.

Razões que remetem para as prioridades comerciais dos *media* e para as limitações das rotinas profissionais dos jornalistas e do estatuto social e identitário destas populações. Em outras palavras, as notícias são uma construção social, reflexo das forças sociais, económicas e culturais preponderantes em cada sociedade e também das limitações e oportunidades que caracterizam o exercício do jornalismo (Marôpo, 2012). Estas possibilidades para que o jornalismo propicie uma percepção mais variada e complexa de territórios e populações frequentemente estigmatizados, no entanto, são raras. Enquadramentos mais plurais – que incluem não só a necessária cobertura da violência, mas também de temáticas relacionadas com a cultura, o desporto, a economia e as dificuldades quotidianas – são encontrados somente em peças especiais no jornalismo de referência ou em programas televisivos especializados, como acontece com a Quinta do Mocho.

Metodologia

Partimos de diversas metodologias qualitativas e participativas para estudar os significados gerados pelas crianças e jovens sobre as suas realidades enquanto audiências do discurso noticioso, procurando perceber como este participa nas suas negociações de identidades. Nossas opções metodológicas passam por uma prática de investigação que visa a produção de conhecimento de forma paralela a uma agenda de mudança social, utilizando a comunicação como ferramenta primordial. Assim, investigação, ação e participação caminham lado a lado num processo, construído em grande parte a partir da experiência

regular no campo, que pode ser identificado como investigação-ação (Greenwood e Levin, 1998).

Quando chegamos à Quinta do Mocho em agosto de 2011 tínhamos a intenção de implementar com as crianças do já referido Projeto Esperança um clube de jornalismo onde se discutia sobre atualidades, sobre o discurso noticioso e ao mesmo tempo se produzia conteúdos (notícias, imagens, vídeos...) sobre a realidade local. Os participantes são uma população flutuante de aproximadamente 15 crianças e jovens entre os 9 e os 16 anos, com diferentes níveis de envolvimento e assiduidade de acordo com seus próprios interesses e vontades.

Este projeto inicial possibilitou a realização de cinco grupos de foco, metodologia muito utilizada em estudos de recepção e que permite perceber como as pessoas compreendem o tema em questão a partir da conversação e interação entre elas (Hansen *et al.*, 1998). Estes incidiram sobre as temáticas: “O que gostamos e o que não gostamos no bairro”, “O que são notícias”, “Como o bairro é representado nas notícias”, “Como vejo o mundo hoje”, “Crianças e Jovens protagonistas que foram notícia”.

Com o intuito de superar constrangimentos que encontramos em campo – dificuldade de concentração e de utilização da linguagem escrita por parte das crianças e uma visível preferência por atividades práticas que envolvessem tecnologias de comunicação – estabelecemos uma parceria com colegas investigadores e ativistas, no que hoje chamamos Projeto Olhares em Foco. Idealizado inicialmente por Daniel Meirinho⁴, o objetivo deste é utilizar metodologias participativas audiovisuais – especialmente fotografias e vídeos – apresentadas às crianças ou produzidas por elas próprias como ferramentas de reflexão e transformação pessoal e social.

Neste âmbito, auxiliamos as crianças a produzirem o vídeo “Quinta do Mocho, o nosso bairro” (um pequeno documentário amador sobre a sua visão acerca da comunidade); realizamos um *workshop* de fotografia (ministrado por Daniel Meirinho) que resultou na exposição “Mocho na Mira” (com imagens produzidas pelas próprias crianças) e colaboramos na produção do curta-metragem “Balada do Mocho” pelo 3º Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa (Festin), com guião e realização de Francisco

⁴ Aqui agradecemos especialmente ao Daniel Meirinho, doutorando na Universidade Nova de Lisboa, e também à psicóloga Isadora Oliveira, que contribuiu fundamentalmente para implementarmos o trabalho de campo. Agradecemos também ao investigador Ricardo Campos, do Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI), da Universidade Aberta, pelo aporte teórico, e ao apoio fundamental dos diversos técnicos do Projeto Esperança. Mais informações em <http://www.wix.com/olharsemfoco/projecto>.

Baptista e das próprias crianças, que também atuaram no filme. No mesmo contexto, as crianças e jovens assistiram diversas curtas-metragens e debateram sobre os seus direitos e sobre a sua representação nos produtos comunicacionais que produziram.

Esta metodologia, por outro lado, não deixa de ter uma inspiração etnográfica, já que utilizámos durante um significativo período de tempo a observação e a interação informal como ferramentas metodológicas prioritárias. Assim, o diário de campo que escrevemos e a gravação em áudio das atividades foram instrumentos fundamentais para registar a voz, as ações e os significados construídos pelas crianças e jovens.

Toda esta vivência/convivência regular permitiu-nos um maior conhecimento da realidade local e uma construção de relações de proximidade (e também de afeto) com estas crianças, que geraram dados tão frutíferos quanto as atividades sistematizadas que realizámos. Os discursos e atitudes das crianças registados em diário de campo durante o processo de produção e nos próprios produtos de comunicação revelaram-se uma rica fonte de informações acerca das questões centrais desta investigação.

Com base nestas reflexões metodológicas, analisaremos a seguir os dados que encontramos sobre a compreensão e atitudes das crianças e jovens acerca da representação noticiosa da sua comunidade.

“Acho que as pessoas vão logo falar que fomos nós que fizemos” – Como as crianças e jovens constroem sentidos sobre as notícias acerca do bairro

Durante o mês de agosto, nas férias escolares de verão, a televisão estava sempre ligada no Projeto Esperança, mas como um acessório ao qual ninguém prestava muita atenção. De repente, as crianças fizeram silêncio e ficaram atentas à notícia exibida pelo canal SIC sobre o esfaqueamento de um rapaz no bairro. Pareciam exprimir ao mesmo tempo um sentimento de orgulho por serem notícia e de resignação perante a reportagem (anotação do diário de campo, 18.08.2011). Logo depois se dispersaram e voltaram às suas brincadeiras e atividades. Tentamos comentar a notícia, mas não pareciam muito interessadas. Só um dos rapazes falou que não gostava de notícias assim sobre o bairro: “só há notícias más”, lamentou. Um dos adultos que trabalha no projeto também comentou que sente um clima de tensão a crescer no bairro e que achava preocupante o facto de as fontes terem pedido para não serem identificadas na reportagem: “isso não era assim antes”, afirmou. Uma das raparigas contou discretamente que viu tudo e que sabe quem cometeu o

crime noticiado, mas preferiu não responder à polícia. “Minha mãe chega do trabalho tarde e tenho medo que façam alguma coisa com ela”, justificou. A reportagem televisiva ainda rendeu comentários no dia seguinte. Ouvimos uma pessoa de referência na comunidade se dirigir a um rapaz na rua: “muito mal fazer o bairro virar notícia por essas vossas asneiras. Já chega, não é?”.

Esta situação ocorrida num dos nossos contatos iniciais no campo alertou-nos para a necessidade de aprofundar a percepção das crianças sobre as notícias acerca do bairro e nos motivou para escrever este artigo. A aparente indiferença viria a se confirmar se propuséssemos o tema para debate? Que consequências essa representação noticiosa negativa traz para a vida das crianças? O tema foi discutido principalmente em dois dos grupos de foco que referimos na metodologia: “O que são notícias” e “Como o bairro é representado nas notícias”. No primeiro, além de um debate geral sobre o discurso noticioso, colocámos as questões: lembram-se de notícias sobre a Quinta do Mocho? Como são essas notícias? No segundo, discutimos com as crianças acerca de notícias sobre o bairro veiculadas na televisão e publicadas em jornais.

Já no primeiro momento o tema suscitou muito interesse e respostas em profusão, que contradizem a ideia de indiferença. Todos falavam ao mesmo tempo e praticamente a mesma coisa: “são notícias más!”. Após alguns momentos a tentar organizar a ansiedade das crianças, surgem respostas mais específicas sobre o que lembram das notícias acerca do bairro, principalmente por parte dos rapazes mais velhos: “Mataram um jovem” (André, 15 anos), “um jovem agrediu (Valter, 16 anos), “um jovem foi agredido e levou facadas” (Pedro, 15 anos), “os jovens são problemáticos na Quinta do Mocho” (Jorge, 14 anos).

De forma secundária, alguns lembravam também de notícias positivas: “festas” e “um concurso do prédio mais limpo da Quinta do Mocho”. Um dos rapazes falou sobre “senhores que fazem voluntariado e vão à igreja fazer atividades”, mas ressaltou que viu “no jornal de papel, não foi na televisão”, num tom como a explicar que a notícia impressa teria menor valor do que a televisiva.

No entanto, além dessa percepção residual sobre notícias positivas que causam sentimentos de contentamento e satisfação, é quase absoluta a preponderância de referências à representação negativa, especialmente sobre a juventude do bairro. Este agendamento noticioso de acontecimentos violentos ocorridos na comunidade parece marcar fortemente os participantes desta pesquisa, causando reações que analisamos aqui como de três diferentes ordens.

A primeira reação remete para um sentimento de “desconfiança”. Crianças e jovens reclamam que as notícias são demasiado frequentes, que exageram os problemas que acontecem no bairro e que há uma deliberada intenção de “falar mal” sobre a comunidade.

- O que vocês sentem quando vêem essas notícias? (Investigadora)
- Que não gostam do bairro (Leo, 14 anos)
- Porque? (Investigadora)
- Estão a dizer que no bairro há uma facada por semana! (Leo, 14 anos)
- Dizem que toda semana é tiroteio! (Carla, 12 anos)

Um segundo tipo de reação, preponderante nos mais novos, expõe sentimentos de “angústia”, remete para a tristeza e o temor de ver na televisão notícias sobre acontecimentos violentos bastante próximos e que algumas vezes assistiram pessoalmente.

- Do que vocês lembram quando vêem essas notícias? (Pesquisadora)
- Do que aconteceu (Mário, 10 anos)
- Tu disseste que assististe também, o que sentiste? (Pesquisadora)
- Medo (João, 12 anos)
- E o que é que tu achas quando vêes essas notícias na televisão? (Pesquisadora)
- Acho tristeza, acho que é triste (Sílvia, 9 anos).

A última e mais forte reação às notícias negativas sobre o bairro refere-se às consequências estigmatizantes que estas, na perceção das crianças, potencializam. A maioria fez questão de se pronunciar sobre o problema, referido diversas vezes nos dois grupos de discussão sobre a questão e em outros momentos informais. Parecem considerar as notícias – a par da “presença dos bófiás⁵” e dos “miúdos que assaltam” – como uma das causas centrais que levam “as pessoas de fora” a se esquivarem quando convidadas ou solicitadas a vir ao bairro.

- O Pedro tava a dizer porque não gosta (das notícias negativas sobre o bairro)...
(Pesquisadora)

⁵ Gíria local para identificar a polícia.

- Porque há muita gente, familiares que não gostam de vir pra aqui. Pensam que vão entrar e vão logo ser assaltados. Os meus familiares não vêm cá por causa disso (Pedro, 15 anos).

- As pessoas de fora já não têm coragem de entrar aqui! (Helena, 12 anos)

- Os taxistas não querem entrar aqui! (vários)

- Quando vamos fazer compras, chamamos o táxi e às vezes nem aparece... Ouvem só Quinta do Mocho e dizem: “está bem, está bem” (Carla, 12 anos)

Nestes depoimentos estão presentes os elementos que Goffman (1975) identificou como caracterizadores de estigma: descrédito, dificuldade de relação entre estigmatizados e “normais”, isolamento, discriminação justificada, direitos ameaçados. As reações a estas experiências variam entre uma percepção bastante clara com respostas frontais ao estigma que enfrentam, a uma tendência para minimizá-lo e não levá-lo a sério, ou ainda a uma atitude resignada.

- E as pessoas comentam convosco sobre essas notícias? (Pesquisadora)

- Alguns dizem na escola: moras na Quinta do Mocho? Vou lá pôr o pé e levo um tiro na cabeça e sou assaltado! (Carla, 12 anos)

- Quem é que diz isso? (Pedro, 15 anos)

- Depois eu digo assim, já lá foste para ver? (Carla, 12 anos)

- Brincam na escola com isso. Dizem a brincar: não vou na Quinta do Mocho com medo de ser assaltado (Pedro).

- A mim não dizem a brincar! (Carla)

- Se fosse num outro bairro não faziam essas brincadeiras! (André, 15 anos)

- As pessoas que não vivem no nosso bairro gostam sempre de falar que o nosso bairro é que é má influência, os professores falam na escola que nós devemos sair daqui desse bairro e eles não sabem que isso não somos nós que fazemos, são outras pessoas (Helena, 12 anos).

- Acho que as pessoas vão logo falar que fomos nós que fizemos! (Mário, 10 anos).

Conclusões

Enquanto sujeitos sociais, as crianças parecem reagir de diferentes maneiras, de acordo com suas habilidades e capacidades, aos “mapas de significado” (Hall *et al.*, 1978) divulgados pelo discurso noticioso acerca da Quinta do Mocho. No entanto, esta representação mediática parece unir a todas num desafio comum nos seus processos identitários: confrontar uma imagem inferiorizada onde “nós” temos sempre que enfrentar a suspeição e transpor inúmeras barreiras para tentarmos nos relacionar em pé de igualdade com os “outros” e sermos reconhecidos como “pessoas normais”, dignas de respeito.

Um dos objetivos desta investigação, que se propõe a ser também ação, é justamente promover capacidades que ajudem as crianças a ultrapassar essas barreiras através de três vias que envolvem a comunicação mediatizada: 1. Os *media* e seus conteúdos como objeto de reflexão junto das crianças; 2. A produção de produtos comunicacionais a serem divulgados em diversos suportes (vídeos, fotografias, conteúdos da Internet); 3. A produção de “subsídios de informação” (Schlesinger, 1990: 70) para estimular os *media* a divulgarem enquadramentos positivos sobre estes territórios e populações, reconhecendo-as como vozes credíveis no debate social.

Com o trabalho de campo que começou em agosto de 2011, a sensação é de que estamos apenas no início de um longo caminho a ser percorrido. Por outro lado, apesar de inúmeros percalços, percebemos pequenos sinais que nos fazem crer ser possível estimular construções de sentido que contestem os estigmas aos quais frequentemente estas crianças e jovens estão sujeitos. Dentre estes sinais destacamos o orgulho das crianças pelos produtos de comunicação que conseguiram fazer (vídeo, filme, exposição de fotografias, entrevistas) e a sua percepção muitas vezes crítica e reflexiva sobre o discurso noticioso, especialmente acerca das representações estigmatizantes de grupos minoritários.

Assim, esperamos estar a contribuir para que a interiorização da linguagem, da razão e do conhecimento, inerente ao processo de socialização (Esteves, 2011: 56), possa ser aperfeiçoada e ampliada a partir de vivências e interações como as que referimos aqui. Esperamos que estas promovam capacidades que permitam às crianças confrontarem estigmas e desenvolverem sentidos identitários mais positivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, M. J. B. **A Representação da Delinquência Juvenil nos Media Noticiosos: Estudo de Caso do Público e Correio da Manhã (1993-2003)**. Dissertação de mestrado, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2007.

BECK, U. **Democracy without Enemies**. Cambridge: Polity Press, 1998.

BENNET, W. L. **News – The Politics of Illusion**. Nova Iorque: Pearson Longman, 2007.

BERGER, G. “Grave new world? Democratic journalism enters the global twenty-first century”, **Journalism Studies**, 1 (1), p. 81-99, 2000.

CARVALHO, M. J. L. *et al.* “Delinquência(s) e justiça: crianças e jovens em notícia”. In C. Ponte. (ed.). **Crianças e Jovens em Notícia**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

CORREIA, J. C. **Comunicação e Cidadania: os Media e a Fragmentação do Espaço Público**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

CORSARO, W. **The Sociology of Childhood**. Thousand-Oaks-California: Pine Forge Press, 1997.

ERICSON *et al.* **Representing Order – Crime, Law and Justice in the News Media**. Toronto: University of Toronto Press, 1991.

ESTEVES, J. P. **Os Media e a Questão da Identidade**, 1999 Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/pissarra-media-identidade.html>. [Consultado em 15-04-2012].

ESTEVES, J. P. **Sociologia da Comunicação**. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2011.

GOFFMAN, E. **Stigmaté: les Usages Sociaux des Handicaps**. Paris: Minuit, 1975.

GREENWOOD, D e LEVIN, M. **Introduction to Action Research**. Londres: Sage, 1998.

HALL, S. *et al.* **Policing the Crisis – Mugging, the State, the Law and Order**. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 1978.

HAMMARBERG, T. “Children, the UN convention and the media”, **The International Journal of Children’s Rights**, 5 (2), 1997, p. 243-261.

HANSEN *et al.* **Mass Communication Research Methods**. Nova York: Palgrave, 1998.

JAMES, A. e PROUT, A (org.). **Constructing and Reconstructing Childhood**. Londres e Nova Iorque: RoutledgeFalmer, 1997.

MARÔPO, L. **Jornalismo e Direitos das Crianças – Conflitos e Oportunidades em Portugal e no Brasil**. Coimbra: MinervaCoimbra, no prelo.

MAYALL, B. **Towards a Sociology for Childhood – Thinking from Children’s Lives**. Maidenhead (UK): Open University Press, 2002.

PAIS, J. M. “Jovens e cidadania”. **Sociologia, Problemas e Práticas**, nº 49, 2005, p. 53-70.

PEREIRA, A. P. **Imprensa e imigração no Conselho de Loures**, 2005. Disponível em http://www.cm-loures.pt/doc/garse/Imprensa_imigracao.pdf [Consultado em 15-04-2012].

PONTE, C. **Crianças em risco. O espaço latino-americano na imprensa portuguesa**, Brasília, Actas do XXIX Intercom, 2006.

PONTE, C. **Os nossos filhos e os filhos dos outros. Linguagens jornalísticas na imprensa**. Braga, Actas do I Congresso Internacional sobre Intervenção com Crianças, Jovens e Família, 2009.

PROUT, A. **The Future of Childhood**. Londres e Nova Iorque: RoutledgeFalmer, 2005.

RAMOS, S. e PAIVA, A. **Mídia e Violência**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

ROSA, G. P. “O “arrastão” de Carcavelos como onda noticiosa”. **Análise Social**, XLVI (1.º), 198, p. 115-135, 2011.

SCHLESINGER, P. (1990), “Rethinking the sociology of journalism: source strategies and the limits of media-centrism”. In M. Ferguson (ed.), **Public Communication – The New Imperatives**. Londres: Sage, 1990.

TAJFEL, H., e TURNER, J. C. The Social Identity Theory of Intergroup Relations. In S. Worchel & W. G. Austin (Eds.), **Psychology of intergroup relations**, Chicago, IL, Nelson-Hall, 1986, p. 7–24.

WOODWARD, K. **Identity and Difference – Culture, Media and Identities**. Londres: Sage Publications/The Open University, 1997.